

Política e classes sociais no Brasil dos anos 2000

ARMANDO BOITO JR. E ANDRÉIA GALVÃO (orgs.)
São Paulo: Alameda, 2012, 430 p.

Adriano Santos*

O livro *Política e classes sociais no Brasil dos anos 2000*, organizado por Armando Boito Jr. e Andréia Galvão, oferece um conjunto de análises acerca da política e das lutas sociais na era neoliberal, que ajuda não apenas a desvelar a conjuntura do processo político durante os governos de FHC e Lula, mas permite uma leitura da história política recente do nosso país a partir de uma perspectiva totalizante, investigando – com qualificada pesquisa empírica – as instituições políticas e suas íntimas conexões com a realidade da vida social e os múltiplos interesses políticos de classes envolvidos na economia e na sociedade brasileira. O livro é o resultado do trabalho coletivo desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa *Neoliberalismo e relações de classe no Brasil*, sediado no Cemarx/Unicamp. Trata-se, portanto, de uma coletânea de artigos que compreende investigações de diversos temas da realidade sociopolítica brasileira, mas com o mesmo prisma analítico, isto é: o processo político nacional deve ser compreendido e analisado à luz dos conflitos de classe.

Abrindo o livro, Danilo Enrico Martuscelli examina a crise política do governo Collor e sua articulação às contradições produzidas pelo processo político de implantação do neoliberalismo no Brasil. O autor sustenta que a crise política do

* Professor de Sociologia da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG). E-mail: adriasantos81@gmail.com.

governo Collor não se configurou como uma crise da política neoliberal porque não havia um bloco no poder neoliberal, mas sim uma situação de instabilidade hegemônica na qual a política neoliberal não lograva dar organicidade aos interesses das diferentes frações dominantes em disputa e, ao mesmo tempo, dissolver os resquícios do antigo modelo econômico no processo de aplicação da política estatal.

Em seu artigo, Armando Boito Jr. analisa a constituição do projeto neodesenvolvimentista a partir da trajetória recente da política econômica do Estado brasileiro, na qual o peso dos interesses da grande burguesia interna é cada vez maior. O marco inaugural desse processo foi a passagem, em 2002, da era FHC para a era Lula, o que se tornou mais evidente em 2006 com a ascensão política da grande burguesia interna no bloco de poder. O autor defende que a ascensão política dessa fração da burguesia, representada pelo governo Lula, não alterou o modelo capitalista neoliberal periférico, mas provocou mudanças em seu interior no que se refere a um tipo de desenvolvimento impulsionado pela atuação do Estado.

Tendo como pano de fundo as principais mudanças políticas e econômicas desenvolvidas nas décadas de 1990 e 2000, Sávio Cavalcante investiga o processo de privatização do setor de telecomunicações brasileiro ocorrido durante o governo de FHC, que favoreceu os interesses do capital estrangeiro, promovendo um domínio dos grandes grupos internacionais do setor de telecomunicações. Destaca que durante o governo Lula, nos anos 2000, esse cenário não se alterou, com exceção do fato de que o Estado passou a investir na formação de grandes grupos nacionais, articulando os interesses de uma burguesia nacional interna com bases de acumulação próprias, mas com dependência do capital e tecnologia externos.

No artigo de Ana Elisa Corrêa e Santiane Arias, encontramos uma análise interessante sobre a composição de classe (média) e a atuação política do movimento altermundialista em duas organizações, no Fórum Social Mundial e na ATTAC. Analisando as frações de classe que compõem essas duas organizações, as autoras identificam algumas contradições que permeiam tanto a constituição quanto a atuação política do movimento altermundialista na atualidade.

A partir da investigação dos processos sociais, políticos e econômicos dos governos Lula, principalmente com as reformas sindical e trabalhista, Andréia Galvão analisa a forma pela qual o movimento sindical vem se reconfigurando, tanto em sua dimensão organizativa quanto em sua dimensão político-ideológica. Essa nova configuração do movimento sindical parece atender aos interesses do projeto neodesenvolvimentista, já que o governo Lula é considerado um aliado para as centrais sindicais. Portanto, conclui a autora, nessa nova configuração, parte do movimento sindical priorizou a negociação com o governo, substituindo o trabalho de organização das bases pela negociação do modelo de capitalismo a ser adotado no Brasil, o que atesta o seu compromisso com a gestão do capital.

Tomando como objeto de análise a experiência de organização sindical dos trabalhadores terceirizados da Refinaria de Paulínia (Replan) representados pelo Sindicato da Construção Civil de Campinas e Região, Paula Marcelino, a partir de

amplo levantamento de dados e entrevistas com trabalhadores e dirigentes sindicais, mostra em seu estudo que esse sindicato consegue uma ação mobilizadora e combativa, ainda que sua base seja formada por trabalhadores alocados em dezenas de empresas subcontratadas. Diante dessa realidade, a autora problematiza algumas ideias correntes sobre o sindicalismo no contexto do capitalismo neoliberal e da reestruturação produtiva das empresas, defendendo a tese de que a fragmentação dos trabalhadores em empresas terceirizadas não significa, necessariamente, enfraquecimento da atividade sindical.

O artigo de Carolina B. G. Figueiredo Filho e Davisson C. C. de Souza trata da unidade e fratura entre o exército de operários ativo e de reserva no Brasil dos anos 2000, tendo como objeto de análise a relação entre o sindicalismo e a organização dos trabalhadores desempregados. Os autores desvelam algumas das contradições do processo de acumulação do capital que instauram entre os trabalhadores uma brutal competição por emprego; o que vem dificultando, portanto, a construção social, cultural e política da luta dos trabalhadores no processo de enfrentamento de classe contra a burguesia.

Analisando as particularidades dos movimentos de desempregados no Brasil, na França e na Argentina, Elaine R. A. Amorim, por sua vez, investiga como a posição diferenciada desses países no centro e na periferia do capitalismo influenciou na maneira pela qual as políticas neoliberais foram neles implantadas e as consequências sobre a classe trabalhadora e suas formas de organização política. A autora assinala que o neoliberalismo teve um papel importante na conformação dessas novas organizações à medida que reduziu significativamente os níveis de emprego e os direitos trabalhistas, ao mesmo tempo em que precarizou as condições e relações de trabalho. Aponta, ainda, que as consequências sobre a classe trabalhadora de cada país foram variadas, devido às reações dos setores diretamente atingidos e a forma pela qual as reformas neoliberais foram implantadas.

O artigo que fecha a obra, de Francini Hirata e Nathalia C. Oliveira, apesar de não ser uma análise, mas sim uma caracterização dos movimentos dos sem-teto atuantes na Grande São Paulo, coloca em evidência a luta por moradia diante do avanço do projeto neodesenvolvimentista, questionando como o problema habitacional vem sendo tratado de maneira fragmentada e desconectada dos demais problemas sociais brasileiros nas últimas duas décadas.

Portanto, pela perspectiva crítica que adota na análise da realidade social e política brasileira, trata-se de um livro importante para a interpretação das contradições atuais, desencadeadas pela luta de classes na última década. Nesse sentido, ao mesmo tempo que realiza a crítica ao projeto neodesenvolvimentista-neoliberal, o livro apresenta não só os limites sociais, políticos e econômicos desses projetos, mas avalia e pontua os desafios da classe trabalhadora, suas organizações, movimentos e representações diante das políticas de classe e de enfrentamento da lógica destrutiva do modelo de capitalismo neoliberal periférico que vem sendo implantado no Brasil atual.

SANTOS, Adriano. Resenha de: BOITO JR. , Armando; GALVÃO, Andréia (Orgs.). Política e classes sociais no Brasil dos anos 2000. São Paulo: Alameda, 2012, 430 p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.38, 2014, p.185-187.

Palavras-chave: Política; Classes sociais; Brasil; Anos 2000.